

## O AMAZONAS E OS RECURSOS NATURAIS - II

Nilson Pimentel (\*)

02/fev/2018

Sempre que se estuda a História da economia do Amazonas se orgulha dos ciclos econômicos que envolveram a exploração extrativista de um recurso natural de imenso potencial econômico, tanto que revolucionou um segmento da Indústria mundial, a *Hevea brasiliensis*, ou como se conhece, a seringueira ou árvore da borracha.

No entanto, os anos que se seguiram no século XX, foram de intensa estagnação econômica até a implementação do projeto Zona Fraca de Manaus (ZFM), que já se vão 50 anos de intensa atividade econômica, comercial, industrial e de serviços que acarretou o desenvolvimento e crescimento que a cidade de Manaus experimentou em todos esses anos.

Para alguns economistas do Clube de Economia da Amazônia (CEA) a estagnação que grassou no Amazonas no período antecedente a ZFM teve outros fatores econômicos e políticos que levaram a esse estágio de atraso, notadamente político, uma vez que a visão tradicionalista da Amazônia geopolítica, como um imenso vazio demográfico, mas uma reserva inesgotável de recursos naturais foi um tremendo equívoco na forma de enfrentar o planejamento econômico regional.

Eles defendem que não mais se deve repetir o passado para futuro do Amazonas, principalmente quando se vê que a sustentabilidade como única alternativa ao desenvolvimento regional cresce em vários meios, nacional e internacional, contrapondo-se que o processo produtivo de base endógena nos recursos naturais de grande potenciais econômicos, seja encarado como destrutível ambiental.

Não se acredita que não sejamos capazes de promover o desenvolvimento econômico regional do Amazonas sem que se utilizem os recursos naturais que se detém em abundância calcado nos conhecimentos científicos tecnológicos que se formaram em solo amazonense e de outros que possamos lançar mãos daqueles existentes no mundo, para que se floresça aqui um desenvolvimento pujante na bioindústria.

Ressalte-se que a exploração desses recursos naturais, na ausência total de Planejamento Econômico Estratégico (PEE) para a região, por omissões de governos, federal e estadual, tem resultado em forte embate de conflitos por causa das explorações extrativas ilegais.

Há de se ressaltar que se objetiva mudanças estratégicas na visão do desenvolvimento econômico regional com base na exploração dos recursos naturais, com a racionalidade econômica, pois nem sempre o que é potencial chegar a alcançar a exequibilidade econômica de projeto, portanto se leva ao conceito do ponto de vista ambiental de conservação, mas socioeconômico justo e com apoio em políticas públicas específicas.

Quando se detém somente no Amazonas, se denota que após a implementação do projeto ZFM, os governos estadual não foram capazes de formatar nenhum programa e projeto de base endógena com os recursos naturais abundantes que possui o estado, principalmente nos tempos mais favoráveis economicamente.

Para aqueles especialistas do CEA, cabe esclarecer que recursos naturais podem ser definidos como sendo o conjunto de elementos de ordem natural que compõem o meio ambiente, que não foi criação do homem, como a flora, a fauna, as águas, o ar, o solo e a diversidade genética geral, e tudo como uma parte do meio ambiente, compreendendo-se que têm influência positiva na economia no auxílio do desenvolvimento econômico servindo para satisfazer as necessidades humanas.

Na realidade o que se quer é impulsionar o desenvolvimento econômico regional amazonense com base nos recursos naturais que sejam compatíveis com o estado d'arte de conhecimentos científicos tecnológicos,

naqueles potenciais economicamente, principalmente, os renováveis e os não renováveis de elevado valor agregados.

Por outro lado, atualmente, a questão da exploração dos recursos naturais esbarra em determinados óbices estabelecidos por legislações específicas, como as reservas ambientais, as terras indígenas, parques ecológicos ambientais, etc, como se essas explorações, principalmente de minérios fossem proibidas nacionalmente e monitoradas por organismos internacionais.

E, nesses tempos de crise, corre crítica severa quanto a exploração dos recursos naturais, uma vez que grande parcela da população brasileira não tem a menor noção da quantidade de minérios ou de grãos (commodities primárias) que são exportados a preços menores, pois não se está exportando apenas produtos, mas recursos naturais e, principalmente, a água, caracterizando o Brasil como o maior país exportador de produtos primários, ou seja, o país mais explorado em suas e riquezas naturais.

Enquanto e apesar de poucas resistências sociopolíticas, essa parcela continua repetindo que o Brasil é um país com vocação agrícola e que somos o celeiro do mundo, pois quando só olham para as monoculturas de grãos não veem as montanhas de minérios desaparecendo sobre os trilhos de Carajás.

Se entende que os problemas e óbices são enormes à implementação de significativos projetos de desenvolvimento econômico regional no Amazonas, pois existe todo um confronto entre a exploração extrativa predatória dos recursos naturais e as questões metodológicas de certos “modelos” de desenvolvimento regional de base endógena na concepção não predatória ambientalmente, mas com adoção de racionalidade econômica de transformações produtivas daqueles potenciais renováveis altamente demandados por mercados, que objetivem a transformação social regional para as populações interioranas.

Nesse prisma, os economistas do CEA, até concordam com o Professor Cristovam Buarque no que tange ao desenvolvimento local, como nas nove sub-regiões do Amazonas, que seja um processo endógeno, implementado com dinamismo econômico e que promova a melhoria da qualidade de vida das populações envolvidas, provocando arrasto de transformação nas bases econômicas regional, na organização social em nível local resultante de mobilização das energias da sociedade na exploração de suas capacidades e potencialidades específicas.

(\*) Economista, Engenheiro, Administrador, Mestre em Economia, Doutor em Economia, Pesquisador, Consultor Empresarial e Professor Universitário: [nilsonpimentel@uol.com.br](mailto:nilsonpimentel@uol.com.br).